

JUAN
GÓMEZ-JURADO

LOBA
NEGRA

Tradução

Madalena Galamba

 Planeta

Para a Babs,
porque a amo

Para Arturo, Javi e Rodrigo
por qualquer razão

Um abismo

Antonia Scott nunca enfrentou uma decisão tão difícil.

Para outras pessoas, o dilema em que se encontra poderia ser uma coisa insignificante.

Mas para Antonia não. Diríamos que a sua mente é capaz de trabalhar a vários níveis de distância no futuro, mas a cabeça de Antonia não é uma bola de cristal. Diríamos que é capaz de visualizar à sua frente dezenas de unidades de informação ao mesmo tempo, mas a mente de Antonia não funciona como naqueles filmes em que vemos uma data de letras sobre a cara do protagonista enquanto ele pensa.

A mente de Antonia Scott é mais como uma selva, uma selva cheia de macacos que saltam a toda a velocidade de liana em liana, levando coisas. Muitos macacos e muitas coisas, cruzando-se no ar e arreganhando os dentes.

Hoje, os macacos levam coisas terríveis, e Antonia sente medo.

Não é uma sensação a que Antonia esteja de todo habituada. Ao fim e ao cabo, Antonia já se viu em situações como:

- Uma perseguição a grande velocidade com lanchas motorizadas no estreito de Gibraltar durante a noite
- Um túnel cheio de explosivos em que uma sequestradora tinha uma arma apontada à cabeça de um refém particularmente valioso
- Aquela história de Valência.

A sua astúcia salvou-a no dia das lanchas (deixou que os da frente se espetassem) e o seu conhecimento (de aves em inglês) no dia do túnel. Sobre aquela história de Valência, desconhece-se como escapou com vida (a única) a tamanha carnificina. Negou-se sempre a contar. Mas escapou. E não sentiu medo.

Não, Antonia não sente medo de quase nada, exceto de si própria. Da vida, talvez. No fim de contas, o seu passatempo é imaginar durante três minutos por dia como acabar com a sua própria vida.

São os seus três minutos.

São sagrados.

São o que a mantém sã.

Por acaso, está na hora. Mas em vez de estar mergulhada na paz do seu ritual, Antonia está sentada diante de um tabuleiro de xadrez. As peças, brancas e vermelhas, à inglesa. Um dos bispos de Antonia pode fazer xeque-mate.

As vermelhas jogam e ganham.

Uma decisão simples.

Para Antonia, não.

Porque do outro lado do tabuleiro está Jorge, olhando-a fixamente, com os olhos semicerrados. Através dessas meias-luas verdes intui-se todo o desafio e as más intenções que cabem num metro e dez.

– Joga lá, mãe – diz Jorge, dando um ligeiro pontapé debaixo da mesa de mármore –, estou farto.

Está a mentir. Antonia até pode não saber o que fazer. Mas reconhece a mentira.

Jorge espera, ansioso, para saber se a mãe irá mover o bispo e ganhar-lhe, para poder começar uma birra por ter perdido. Ou, pelo contrário, que Antonia mova outra peça, para poder começar uma birra por tê-lo deixado ganhar.

Uma interrupção arranca-a da paralisia. Sobre a mesa, o telefone mostra uma cara corada. Muito ruiva e muito basca. A vibração do aparelho agita as peças, furiosas, nas suas casas.

Jon sabe que ela está com Jorge. É a sua terceira visita desde que o juiz considerou dar-lhe uma segunda oportunidade, contra a opinião do avô da criança. Está a ser testada. Jon não ligaria se não fosse importante.

Antonia desculpa-se com um leve encolher de ombros, e põe-se de pé para atender a chamada. Põe-se de costas para a frustração do seu filho e para a assistente social que não para de tomar notas, com uma cara inexpressiva, no canto da divisão.

Por muito pouco que lhe agrada escapar-se com um subterfúgio, Antonia já decidiu que aquele era um jogo que não podia ganhar.

E isso agrada-lhe ainda menos.

Primeira parte

Antonia

*«Podes fazer-te amigo de um lobo.
Podes destruir um lobo
Mas ninguém pode domar um lobo.»*

GEORGE R. R. MARTIN

Um corpo

Jon Gutiérrez não gosta dos cadáveres no rio Manzanares.

Não é uma questão de estética. Este cadáver é muito desagradável (parece que está há muito tempo na água), com a pele cerúlea repleta de manchas violáceas, as mãos quase separadas dos pulsos. Mas não é altura para se pôr com exigências.

A noite está particularmente escura, e os postes de iluminação que iluminam o mundo dos vivos, seis metros acima deles, só servem para tornar as sombras ainda mais densas. O vento arranca estranhos murmúrios dos caniços e os oitenta centímetros de água estão bastante fresquinhos. Ao fim e ao cabo, estamos no Manzanares, são onze da noite e fevereiro já deixa ver a sua pata acinzentada por baixo da porta.

Nada disto dos cadáveres no Manzanares incomoda Jon, porque está habituado às águas gélidas (é de Bilbao), aos sussurros na escuridão (é gay) e aos corpos sem vida (é inspetor da polícia).

O que o lixa nos cadáveres no Manzanares é ter que puxá-los a pulso.

Sou mesmo estúpido, pensa Jon. Isto é um trabalho para novatos. Claro que estes magricelas de Madrid não podem nem com as suas próprias almas.

Não é que Jon seja gordo. Mas meia vida a ser o tipo maior na sala vai criando hábitos, quer se queira quer não. O defeito de ajudar. Que se transforma em necessidade quando vês três tontos acabados de sair

da academia a fazerem-se de parvos¹ entre os juncos, tentando retirar o corpo. E quase a conseguir afogar-se, em troca.

Por isso, Jon enfia-se no fato de plástico branco, calça as botas de borracha e atira-se à água com um *caralhosvosfodam* que deixa as bochechas dos novatos vermelho-bofetada.

O inspetor Gutiérrez aproxima-se, a passos largos, afastando tanto a água como os polícias inexperientes, e chega ao ilhéu de vegetação onde o cadáver encalhou. O corpo emaranhou-se numas raízes, e está mergulhado na corrente. Apenas afloram o rosto apagado e um dos braços. Agitada pelo rio, parece que a vítima tenta nadar para escapar ao destino inevitável.

Jon benze-se mentalmente e mergulha os braços por baixo do cadáver. É suave ao tato e a gordura subcutânea move-se debaixo da pele como um balão recheado de pasta de dentes. O inspetor puxa. Com todas as suas forças de *harrijasotzaile*², de levantador de pedras. Num dia bom, chega a poder com 300 quilos. Afinca as pernas.

Vão ver, estes novatos.

Os seus enormes braços ficam tensos, e acontecem duas coisas ao mesmo tempo.

A segunda, é que o corpo não se mexe nem um centímetro.

A primeira, é que o fundo arenoso do rio engole o pé direito do inspetor, que cai de rabo no meio da correnteza.

Jon não é um tipo de lágrima fácil, desses que se queixam só porque sim. Mas nem o barulho da corrente, nem o murmúrio do vento entre os caniços, nem os seus próprios impropérios atenuam os risos dos novatos. Por isso Jon, com a água pelos ombros e o orgulho ferido, permite-se, por um instante, cair nessa tão humana autocomiseração e atirar a culpa dos seus males para os outros.

Onde raio estás tu, Antonia?

¹ No original *hacer el pato*, que num sentido figurado significa fazer-se de parvo, mas também, literalmente, «fazer de pato». (N. da T.)

² Praticante do desporto tradicional basco *harrijasotze*, que consiste em levantar pedras pesadas do chão e erguê-las até à altura dos ombros. (N. da T.)

Uma corda

– Assim não vai sair, inspetor – diz uma voz feminina perto da sua orelha.

Jon agarra-se ao antebraço da doutora Aguado, que o ajuda a levantar-se. As mãos dos forenses causam-lhe arrepios, mas quando tens o rabo afundado num leito arenoso aferras-te ao que te oferecerem.

– Pensei que os cadáveres flutuavam. Mas este aqui parece empenhado em afundar-se.

Aguado sorri. Deve andar perto dos quarenta. Pestanas compridas, maquilhagem leve, *piercing* no nariz, uma languidez traquina no olhar. Agora com um brilho de alegria. Arranjou namorada, dizem as más-línguas.

– O corpo humano é mais de sessenta por cento água. A água não flutua, por isso primeiro vai ao fundo. Nas condições térmicas adequadas, as bactérias começam a decompor o corpo em apenas algumas horas. Estamos a quatro graus, a água para aí a uns seis, por isso... o mais certo é que leve alguns dias. Os gases enchem o estômago e os intestinos e *pop*. Para cima outra vez.

Aguado põe-se joelhos. Segura o corpo com uma mão e introduz a outra por baixo, e vai apalpando.

– Quer ajuda, doutora?

– Não se preocupe. Só preciso de encontrar o que a está a prender.

Jon lança um olhar à massa disforme e inchada. Flutua de barriga para baixo, semimergulhada, nua. O cabelo, de uma cor indefinida,

é muito curto. Jon pergunta-se como raios soube que era uma mulher.

– Como raios soube que era uma mulher?

– Por vários motivos, inspetor – responde Aguado. – Pelo ângulo clavicular, pela ausência de protuberância occipital, e porque, ainda que você não o veja, neste momento estou a agarrar, por baixo de água, o que com toda a certeza é o peito esquerdo da vítima.

A médica forense põe-se de pé e passa-lhe a sua lanterna. Pequena, mas potente. Jon ajuda-a a orientar-se, enquanto Aguado tira uma tesoura arredondada da bolsa impermeável que tem pendurada ao pescoço. Volta a agachar-se e faz força debaixo do cadáver. De repente, com um movimento brusco, este liberta-se e ascende por completo à superfície.

– O assassino atou-lhe uma corda à coxa – diz Aguado, mostrando uma linha fina e calcada na parte de trás da perna. – Seguramente com um peso. Ajude-me a dar-lhe a volta.

Agora o corpo não pesa, e dar-lhe a volta não custa mais que virar uma página, a última. Os olhos desapareceram, comidos pelos peixes. O rosto parece uma máscara que procurava o Carnaval e encontrou a fatalidade.

Antes de vir para Madrid, quando ainda calcorreava as ruas más do *botxo*¹, Jon achava-se mais duro. Em Otxarcoaga², era tudo barulho de vidros, esconderijos de maçãs que acabam por apodrecer. Lá, quando via um morto, Jon não sentia nem uma pontada de desânimo, nem um cerrar de dentes, nem um o que é que te aconteceu, quem te fez isto.

Lá, Jon sentia-se um funcionário.

Aqui sente-se responsável.

Maldita Antonia.

¹ Buraco, em basco. Nome pelo qual os bilbaínos se referem, com afeto, à sua cidade. (N. da T.)

² Bairro de Bilbao. (N. da T.)

Agarrando-o por baixo dos ombros, Jon abre passagem entre os caniços e arrasta o cadáver até ao terreno seco da ilha.

– Ainda sem causa de morte – diz Aguado, como se falasse com os seus botões. Faz uma pausa, parece ouvir alguma coisa. – O nível de adipocera é muito elevado. Pelo menos uma semana submersa, talvez mais.

– Traduza, doutora.

A forense aponta para os caroços e protuberâncias debaixo da pele azulada do corpo. O estômago, amorfo e inchado, está pendurado sobre a púbis até fazer desaparecer os pelos púbicos.

– A adipocera produz-se quando um cadáver permanece mergulhado na água. Os micro-organismos transformam a gordura subcutânea em sabão, se é que me faça entender. Amanhã saberei mais, agora tenho que começar a trabalhar antes que o contacto com o ar ponha em perigo as provas, inspetor – diz Aguado, apontando para a margem.

Jon sabe quando está a mais. Faz um gesto, e os novatos aproximam-se da ilha, apetrechados com uma maca e grandes plásticos transparentes. O cadáver está demasiado deteriorado para ser metido num saco normal. O inspetor deixa-lhes – agora sim, agora já serão capazes – o trabalho sujo. Atravessa o rio com grandes passadas, de volta ao murete que canaliza a água. Nesta zona não há degraus nem um modo normal de subir, mas os polícias instalaram uma escada de corda, pela qual Jon eleva os seus cento e dez quilos até ao nível da rua.

Deserta, a não ser por um homem apoiado num carro-patrolha. Moreno, de entradas pronunciadas, bigode cortado fino e olhos de boneca, que mais parecem pintados que reais. Casaco curto, de cor *camel*. Caro.

– Parece que está a ficar frio – diz *Mentor*, expelindo uma baforada.

O orgulho ferido de Jon cicatriza um pouco. Não há nada melhor para curar a própria ignomínia do que ver outro ser humano cair numa ignomínia ainda pior. E *Mentor* está a vapear.

– E então, o que é isso? – diz Jon, apontando para o dispositivo.

Mentor introduz a boquilha nos lábios – finos, quase invisíveis –, aspira e expira de novo. O vento empurra até Jon uma nuvem com aroma a tangerina.

– Já ia em três maços por dia. A semana passada acendi um cigarro no duche. Por isso pensei, porque não experimentar.

– E funciona?

– O que é que quer que lhe diga? Meto o dobro da nicotina de antes, e tenho o triplo da vontade de fumar. A Aguado já disse alguma coisa?

– Que a vítima é uma mulher. Assassinada. Uma semana na água, ou mais. E que a deixe em paz.

– Bastante comunicativa, para o costume. Não lhe parece mais alegre ultimamente?

– Acho que arranjou namorada – diz Jon (é ele as más-línguas).

O inspetor começa a despir o fato de plástico, mas recusa a manta que *Mentor* lhe oferece.

– Espero que não se tenha molhado, inspetor. Esta zona do rio não é lá muito recomendável para a saúde.

– E então?

Mentor espera que o inspetor vá buscar o casaco e os sapatos e leva-o até à margem.

– Em 1970 rebentou um cano num centro experimental secreto não muito longe daqui. Parece que o *Caudillo* estava empenhado em ter a bomba atómica, custasse o que custasse, e tinha uns quantos cientistas a fazer testes com plutónio. Não veio a público até 1994, mas mais de cem litros de material radioativo acabaram derramados no Manzanares por essa saída de esgoto aí – *Mentor* indica um ponto na escuridão. – Umhas centenas de casos de cancro aqui e ali, nada de sério. Mas não é um sítio que escolhesse para tomar banho.

Jon não reage. Sente, é claro, comichão por todo o corpo, e que os pelos encarniçados da barba estão a começar a cair. Mas não pensa em abrir a boca. Não vão os dentes soltar-se, ao fazê-lo.

Mentor, muito sério, olha para o relógio.

– Onde está a Scott?

– Liguei-lhe há mais de três horas – responde Jon, quando verifica que, apesar de tudo, o envenenamento por radiação parece ainda não ter sortido efeito.

– Também não é imprescindível que venha. Só afastámos as autoridades competentes e mobilizámos a unidade Rainha Vermelha em plena noite por causa dela.

– Isso é injusto – protesta Jon, com energia. – Podia...

A veemência é de portas para fora. Por dentro, Jon sente a dúvida a espreitar por trás das cortinas.

Passaram sete meses desde que Antonia e Jon resgataram Carla Ortiz. O caso tinha dado a volta ao mundo, tanto pelo misterioso desaparecimento da herdeira como pelo que depois aconteceu entre ela e o pai. De Antonia Scott e do projeto Rainha Vermelha, nem uma linha nos jornais. De Jon, pouco. Ao sair do esgoto com Carla protegeu a cara dos *flashes* dos fotógrafos. Uma fotografia desfocada, uma flor sem cheiro.

Não há prémios no projeto Rainha Vermelha, só anonimato. Uma vida sem nome, muitíssimo entusiasmo. E isso já foi prémio suficiente.

O odioso Bruno Lejarreta, que tencionava fazer carreira televisiva em Madrid à custa do escândalo, viu-se diante de um problema. Já não se podia falar do inspetor Gutiérrez. Quando já nem apareces na Trece TV¹, chegou a altura de voltares para casa com o rabo entre as pernas. *Ai, que pena*, pensou Jon quando soube. E abriu outra cerveja.

Os programas de lixo matinais escarafuncharam durante uns dias o caso Ortiz. O cadáver de um dos sequestradores tinha aparecido, mas o outro continuava presumivelmente debaixo dos escombros do túnel de Goya Bis². Perguntaram-se pela sua identidade. Isto. E aquilo. E mais aquilo. *Bitaitólogos*³ e *tweeteiros* falaram sem saber do assunto, antes

¹ Canal de televisão espanhol, conhecido pela linha editorial conservadora, demasiado colada à Igreja Católica. (*N. da T.*)

² Estação gémea, desativada, da estação de metro Goya, no centro de Madrid. (*N. da T.*)

³ No original «Todólogos», pessoas que opinam sobre tudo com generalidades, especialistas em «bitaites». (*N. da T.*)

de passarem a falar sem saber de um outro assunto diferente. A vida continuou, como continuam as coisas sem muito sentido.

O mundo virou a página.

Antonia não.

Antonia Scott *nunca* vira a página.

– Podia ser ela – conclui Jon, apontando para o cadáver, estendido sobre o plástico no meio da ilhota. Os novatos colocaram seis potentes focos de halógeno, com os seus pés cor de laranja cravados no meio da vegetação. A escura intimidade da morte transformou-se numa disforme lição de anatomia.

Mentor abana a cabeça com desagrado.

– É só mais um cadáver ainda por identificar. O sexto, se a memória não me falha. Mais um que acabará por ser o resultado de uma má viagem ou de um agressor. Nada da nossa competência. Estamos a perder tempo.

Antonia não deixou de a procurar. Puxando por cada fio. Analisando cada fragmento de informação. Insistindo para que se investigue cada cadáver por identificar que apareça em Madrid e arredores. Mas por mais tempo e recursos que lhe tenha dedicado, a mulher anteriormente conhecida por Sandra Fajardo não aparece.

Antonia recusou-se a aceitar mais casos até que apareça. E isso é um problema grave. Por muita vista grossa e crédito extraoficial que o caso Ortiz lhes tenha dado, passaram sete meses.

O problema do crédito extraoficial é que é tão volátil quanto a memória dos políticos. Que são os que dão corda a *Mentor*.

– Também não é que tenha havido outros casos – insiste Jon.

– E você que merda é que sabe, inspetor? – diz *Mentor*. Que entre a falta de corda, o frio e a vontade de fumar está com *umore txarra*¹. De muito mau humor. Nem um dos seus sorrisos, fáceis e vazios.

¹ Em basco no original. Mau génio, mau humor. (*N. da T.*)

– O que é que você sabe das ordens superiores que tive de parar. Ou das ameaças veladas em que ela podia ter ajudado.

Jon coça o cabelo – ondulado e num tom arruivado, tínhamos dito – e respira fundo. Encher esse tronco enorme leva alguns segundos e bastantes litros de oxigênio. Que são os que precisa para se acalmar e não dar ao seu chefe um valente bofetão que o mande às voltas para o fundo do rio.

– Vou falar com ela. Mas...

Jon detém-se a meio da frase. *Mentor* vira-se para ele, espantado, e segue a direção do seu olhar até ao centro do Manzanares. Uma luz flutua pela corrente. Fantasmagórica, se os fantasmas brilhassem em cor de rosa fosforescente. A luz vai-se afastando da ilhota, colada ao talude da margem oposta. Outra luz segue-a, flutuando mais até ao centro. E outra ainda se intui, mais acima.

A cinquenta metros de onde estão, uma quarta luz parece saltar do murete que protege o rio um pouco mais acima, antes de bater na superfície com um longínquo *plof*.

– Scott – murmura *Mentor*. Mais chateado que nunca. Vira-se para Jon e o seu olhar diz: «Vá buscá-la e chame-a à razão».

A mão de Jon, cerrada num punho, diz «Que vontade de te partir a cara toda». Mas como está metida no bolso do casaco, não transmite a mensagem. E ao inspetor Gutiérrez não lhe resta outra opção senão obedecer e ir à procura de Antonia Scott.